

O FOGO DESSA VEZ: JAMES BALDWIN E LIMA BARRETO ENQUANTO INTELLECTUAIS NUM MUNDO DE BRANCOS

Danillo de Matos Santos Costa¹

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma investigação a respeito do papel de intelectuais negros desempenhado pelos autores James Baldwin e Lima Barreto, como intelectuais combatentes que insurgiram contra a ideia hegemônica que não associa tal papel a pensadores negros, ideia essa que é ainda mais reforçada em países de passado escravista e colonial, como no caso dos Estados Unidos e do Brasil. De acordo com John Carey (1992) a figura do intelectual a partir do começo do século XX pode ser comparada a de novos aristocratas, uma casta de poucos, que se dirigia a poucos, postura totalmente oposta a dos autores investigados neste trabalho, que tinham em comum um aspecto militante e de denúncia em relação à situação dos negros em seus respectivos países. Busca-se também investigar de que maneira os autores lidam com o complexo de inferioridade, que como postula Frantz Fanon (2008) nasce em todo aquele que foi colonizado. Sem deixar de destacar que por mais que a questão racial seja uma pedra de toque fundamental nas obras tanto de James Baldwin quanto de Lima Barreto, eles não estão reduzidos a isso, não deixaram de pensar a respeito de outras questões sociais, políticas e culturais no recorte de tempo de cada um.

Palavras-Chave: Intelectuais Negros. James Baldwin. Lima Barreto.

DISCUSSÃO INICIAL

Em seu *Pele Negra, Máscaras Brancas*, publicado originalmente em 1952, Frantz Fanon afirma que aquele que buscar em seus olhos outra coisa senão uma interrogação permanente, perderá a visão. Na

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: danillodematos@gmail.com.

perspectiva adotada por ele não existe problema negro, e caso exista, “[...] os brancos não se interessam por ele senão por acaso.” (FANON, 2008, p. 43). Para o autor martinicano, essa é uma história que se passa na penumbra, que precisa ser clareada até os mínimos recantos, com o sol *transumante* levado por ele.

James Baldwin também não acreditava na ideia de um problema negro, como mostra em seu *No Name in the Street*, publicado 20 anos após o livro de Fanon. Segundo Baldwin (1998) os americanos inventaram esse “problema” para salvaguardar sua pureza, e isso converteu os brancos em monstros e criminosos, e tal problema seria o produto da culpa e de uma imaginação reprimida que atribui aos negros determinados papéis. Ou seja, um caso patológico digno do próprio Fanon.

Uma das formas encontrada pelos brancos para proteger essa pureza e lidar com suas imaginações reprimidas foram os linchamentos dos negros. De acordo com a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP em inglês) a tensão racial foi crescendo no fim do século XIX, mais notadamente nos estados do Sul. Muitos brancos, culpando os negros recém libertados por seus problemas financeiros, encontraram no linchamento uma forma de lidar com eles. O linchamento também foi a resposta encontrada para “proteger” as mulheres (brancas) de sofrerem estupro. Entretanto, a razão principal dos linchamentos foi que com o fim da Guerra Civil os negros ganharam sua liberdade, o que não agradou os brancos que achavam que os negros precisavam ser controlados, colocados no seu devido lugar.

Ainda segundo a NAACP, entre os anos de 1882 e 1968, ocorreram nos Estados Unidos 4.743 linchamentos, desse total 3.446 eram negros e os 1.297 restantes eram brancos, e desses, muitos foram linchados por ajudarem os negros ou serem contra essa prática. Baldwin é enfático ao afirmar que “[...] americanos brancos são provavelmente as pessoas mais doentes e certamente as mais perigosas, de qualquer cor, encontradas no

mundo de hoje.”² (BALDWIN, 1998, p. 386). Quando você se depara com as fotografias das cenas de linchamento não é muito difícil concordar, cidadãos de bem, todos endomingados, em algumas cenas até sorrindo enquanto penduram seus concidadãos em árvores para resolver o problema negro, eliminar sua existência.

Enquanto isso aqui no Brasil, Lima Barreto que manifestava “[...] uma rara antipatia por semelhante país, [...]” (BARRETO, 2017, p. 215) e em artigo publicado no jornal *O Debate*, em 1917, já atentava para a forma como os negros eram tratados naquela terra, destacando que esse seria um dos dois problemas fundamentais dos Estados Unidos, o segundo sendo seu imperialismo econômico (SCHWARCZ, 2017, p. 354).

Embora aqui no Brasil não houvesse cerimônias de linchamento de negros no pós-abolição, a realidade ainda era dolorosa para essa parcela da população, da qual Lima fazia parte e em torno da qual boa parte da sua escrita girava em torno. O que irmana tanto Fanon, quanto Baldwin e Lima, esses dois últimos sendo nosso foco aqui, além do fato óbvio de serem negros, é que os três foram intelectuais que tentaram compreender o papel e as consequências do preconceito racial em seu tempo, e por não serem intelectuais de ocasião, suas reflexões nos interessam até hoje, e podem ser necessárias como um sol transumante em tempos cada vez mais nublados por ignorância e desonestidade intelectual.

INTELECTUAIS, NÃO ARISTOCRATAS

Em 1920 Lima Barreto publicou no jornal carioca *Gazeta de Notícias* um texto chamado *Estudos* no qual revelou que cultivava por Nietzsche “[...] uma ojeriza pessoal.” e ainda acusava ele e, curiosamente, o esporte “[...] como causadores do flagelo que vem sendo a guerra de 1914.” (BARRETO, 2017, p. 220). Não cabe aqui tentar entender tamanha

² white Americans are probably the sickest and certainly the most dangerous people, of any color, to be found in the world today.

antipatia do autor pelo esporte, mas quanto ao filósofo alemão, John Carey (1992) talvez possa nos dar algumas pistas. Em seu livro *The Intellectuals and the Masses* o autor mostra o esforço dos intelectuais ingleses no fim do século XIX e começo do XX em criar um abismo entre eles e a população recém letrada, a massa.

Carey (1992) acredita que a massa é uma ficção, que sua função seria, como dispositivo linguístico, eliminar a condição humana da maioria da população. Ele então apresenta as ideias do filósofo espanhol José Ortega y Gasset que teorizava sobre o aumento expressivo da população e suas consequências, uma delas seria a superlotação de pessoas e outra a intrusão dessas pessoas em espaços que antes eram destinados às “pessoas melhores”.

O alvo da ojeriza de Lima, Nietzsche, assim como Ortega y Gasset, deplorava a superpopulação e chega a desejar uma guerra contra as massas travada pelos “homens superiores”, a popularidade das suas ideias entre os intelectuais do começo do século XX sugerem o pânico causado por essa massa. Carey (1992) apresenta o que seria a distinção entre a multidão do século XIX e a massa do século XX: a alfabetização. E como os intelectuais não tinham como impedir que as massas aprendessem a ler, a maneira encontrada por eles foi tornar a literatura algo difícil para as massas entenderem, um esforço para excluir as massas da cultura.

O autor recorre novamente a Ortega y Gasset que assegurou como função essencial da arte moderna dividir o público em duas classes bem distintas: aqueles capazes de entender e aqueles que não são capazes. Para o autor espanhol essa forma de arte não seria apenas impopular, mas antes, antipopular, agindo como um agente social capaz de segregar os homens em castas (CAREY, 1992).

Enquanto intelectuais, nossos autores não poderiam estar mais distantes dessa casta, mesmo se não levarmos em conta marcadores como classe e raça, o que por si só já os desclassificariam como intelectuais entre aqueles. James Baldwin (1998, p. 371) acreditava que a

atividade intelectual deveria ser desinteressada, além de uma busca pela verdade, ele, assim como Lima usavam suas vivências como uma forma de aproximá-los do seu público, não uma forma de apartá-los e criar um abismo intelectual. E como Lima escreveu em seu discurso (não proferido) *O Destino da Literatura*, esta “[...] reforça nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, [...]” além de zombar dos “[...] fúteis motivos que nos separam uns dos outros” (BARRETO, 2017, p. 280).

No caso dos intelectuais apresentados por John Carey (1992)³, a futilidade era acreditar que pertenciam a um novo tipo de aristocracia, uma aristocracia natural, na qual esses intelectuais eram os únicos possuidores de um tipo secreto de conhecimento. O autor define essa ideia do intelectual aristocrata do começo do século XX como uma fantasia masculina.

Uma outra fantasia usada para desirmanar os homens, é aquela que sustenta uma suposta superioridade dos brancos sobre os negros. Para Fanon (2008) essa fantasia cria um mundo branco, que seria o único honesto e que rejeita a participação do negro. Para James Baldwin era justamente isso que os negros tinham em comum, como ele escreve em seu ensaio *Princes and Powers*, publicado em 1961.

[...] O que eles tinham em comum era sua precária, sua relação indescritivelmente dolorosa com o mundo branco. O que eles tinham em comum era a necessidade de refazer o mundo à sua própria imagem, impor essa imagem ao mundo e não serem mais controlados pela visão do mundo e de si mesmos, mantida por outras pessoas. Em resumo, o que os homens negros tinham em comum era sua dor de vir ao mundo como homens.⁴ (BALDWIN, 1991, p. 35-35).

³ Entre os quais podemos destacar H.G. Wells, George Gissing, T.S. Eliot, E.M. Forster e Ezra Pound.

⁴ What they held in common was their precarious, their unutterably painful relation to the white world. What they held in common was the necessity to remake the world in

A necessidade de (re)interpretar o mundo e impor essa interpretação é um desafio enfrentado não apenas por pensadores negros, mas por todos aqueles que contestam uma visão hegemônica, que como Baldwin colocou, não é imposta apenas como visão de mundo, mas também de si mesmos, que cansaram de ser (muitas vezes equivocadamente) interpretados por outros e agora querem se impor enquanto sujeitos, ou como sugeriu Fanon (2008, p. 94), não querem mais ter extirpados qualquer valor ou originalidade que possam oferecer. Lima Barreto resume dessa forma em uma resenha intitulada *Sobre uma obra de sociologia*, publicada em 1921:

O que escrevo é o que vejo e sinto diretamente por mim; e os meus humildes escritos não são senão isso e mais as minhas dores e o desabafo de injustiças com que esses *souteneurs* das letras me têm amargurado a existência (BARRETO, 2017, p. 236, grifo do autor).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em 1946 George Orwell publicou um ensaio chamado *Prevenção contra a literatura* no qual ele escreve:

[...] Em nossa época, a ideia de liberdade intelectual está sob ataque de duas direções. De um lado estão seus inimigos teóricos, os apologistas do totalitarismo, e, do outro, seus inimigos práticos imediatos, o monopólio e a burocracia (ORWELL, 2011, p. 304).

Ele continua disparando contra a concentração da imprensa nas mãos de poucos homens ricos, além do monopólio do rádio e do cinema e a indisposição do público gastar seu dinheiro em livros. Essa é a basicamente a conjuntura aqui no Brasil de 2020, a imprensa na mão de poucas famílias e um monopólio na indústria cultural, bem como um público leitor longe do ideal, o que também temos em comum são os

their own image, to impose this image on the world, and no longer be controlled by the vision of the world, and of themselves, held by other people. What, in sum, black men held in common was their ache to come into the world as men

defensores de um totalitarismo capitaneados por um presidente cabotino e de verve autoritária, que tem como régua e compasso o presidente dos Estados Unidos, ambos compartilhando características de governos populistas e autoritários, desde a forma como foram eleitos, até a forma de lidar com a imprensa. E ainda de acordo com Orwell

[...] Tudo em nossa época conspira para transformar o escritor, assim como todos os outros tipos de artistas, num funcionário menor que trabalha sobre temas que lhe são passados de cima e ao qual nunca contam toda a verdade (ORWELL, 2011, p. 304).

Seria redundante falar sobre os ataques do atual governo a qualquer pensamento que vá de encontro ao seu, e o desdém especial que nutre por artistas que não se alinham a ele. Tanto Baldwin quanto Lima pensaram seus papéis enquanto escritores, e ambos comungam com Orwell dessa ideia de liberdade e honestidade intelectual.

Baldwin em seu ensaio *The Discovery of what it means to be an American*, de 1961, escreve “[...] eu queria impedir de me tornar apenas um negro; ou, mesmo, apenas um escritor negro. [...]”⁵ (BALDWIN, 1991, p. 17, grifo do autor). Ele não queria ser definido, ou restringido por um marcador social de diferença, menos ainda escrever o que esperavam que um autor negro escrevesse.

Lima, por sua vez, fugia da ideia de uma literatura de sobremesa, como definia a literatura produzida por alguns dos seus contemporâneos, ou de um culto ao dicionário, como escreve em seu texto *Qualquer coisa*, de 1921, ele não podia compreender uma literatura que não fosse “[...] de ação sobre as ideias e os costumes; [...]” (BARRETO, 2017, p. 83), não compreendia também que ela o excluísse de seus personagens, sendo nobres ou não. Aos poucos personagens que ficaram nas bordas vão tendo mais destaque, mostrando que a literatura é plural, e que todas as

⁵ I wanted to prevent myself from becoming *merely* a Negro; or, even, merely a Negro writer.

vozes devem ser ouvidas. Que a nossa sociedade siga por um caminho parecido.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, James. *Collected Essays*. Library of America, 1998.

BALDWIN, James. *Nobody Knows my Name: More notes of a Native Son*. Penguin Books, 1991.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras, 2017.

CAREY, John. *The Intellectuals and the Masses: Pride and Prejudice among the Literary Intelligentsia, 1800-1939*. Faber and Faber, 1992.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HISTORY of Lynchings. NAACP. Disponível em: <https://www.naACP.org/history-of-lynchings/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ORWELL, George. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.